

## O Grão da Escrita

Acyr Castro

**D**alcídio Jurandir: as duas margens de um único rio: a do levantamento histórico-social de uma região (no geral a Amazônia, em particular o Pará); a da redistribuição da linguagem, no uso romanescos da escrita.

No relacionamento dessa margem dupla, que se avalia a nível de infralíngua (sujeito/predicado), não é a sua materialidade o que impressiona o texto: sim o compromisso entre o edifício ideológico e a sagrada armação da estrutura. De um lado a outro do rio, o maralto parece controlar o fluxo do discurso. O ritmo que se estabelece na frase se insinua sobre ondas, em função do próprio significante. Como que a confirmar Gustave Flaubert: "Da forma nasce a idéia". Um exemplo entre tantos exemplar desde que inaugural e que persiste se estendendo por toda a obra do escritor: "Chove nos Campos da Cachoeira", 1940.

Mas não se pense em cerebralismo ao falar de Dalcídio - falemos antes de dealética ao nível da semântica, abrangendo a trama, a fabulação, o registro verbal. O estrabismo da crítica autodenominada de "realista" não verá, por certo, esses elementos de realidade. Um dia talvez, quando se souber mais da Teoria da Informação da semiótica de Peirce e da lingüística estrutural de um Jakobson, se irá então desconfiar que nada é "humano" (no sentido de piegas) ou de "romântico" na literatura do romancista de "Belém do Grão Pará". Será a hora, a essa altura, de entender que a historiografia antropológica desse autor dispensa o emblemático do receituário naturalista e se funda exatamente "contra" a ilusão moral da sentimentalidade João Malato, em artigo comovido, deu, lúcido, a dica: ele "não foi aquilo que poderíamos chamar de escritor amazônico". O romanescos como o compreende Roland Barthes: uma disseminação de formas, "o mava".

Ocorre que, nele, dele, por ele perpassa a "lembrança circular" do acidente geográfico que o vitimou, tornando-o personagem, herói, recriador. Não fossem as suas letras um ponto de referência da cosmogonia literária de Ponta de Pedras, na ilha do Marajó onde nasceu e onde estão (João Malato) "as suas raízes e a própria

"Eis porque o monumento  
sobrevive ao bronze"  
(Ezra Pound)

razão de ser da sua consciência criadora".

No inventor de "Três casas e um rio", a matéria institucional é a ficção, a literariedade, a partir do que recompõe, no dizível da fala "textual", a possibilidade do in-forme, do in-terdito da frequência que se modula: Pound descrevendo T.S. Eliot. A natureza do fato comunitário, não mais uma idéia, sequer uma essência, porém um concerto, uma proporção, a equação da música que lhe é análoga. Um instante luminoso de re/invenção literária, numa espécie de romance que participa do mito, da ciência e da poesia. Conforme observa Cléo Bernardo, uma praxis que transforma o homem no mundo a que se insere, a inteligência moldando os fenômenos reais que a engendram.

Acyr Castro é jornalista, escritor e membro da Academia Paraense de Letras. Ex-Secretário de Estado de Cultura, Desportos e Turismo. Um dos fundadores da Associação Paraense de Críticos Cinematográficos.

